

MERCADO

Fusões e aquisições devem crescer 15% em 2010, segundo a PricewaterhouseCoopers

O mercado brasileiro de fusões e aquisições deverá apresentar expansão de 15% em 2010 quando comparado a 2009. Com isso, o número de transações tende retornar aos patamares pré-crise registrados em 2007 ou até mesmo superá-lo, segundo estudo da PricewaterhouseCoopers (PwC). No ano passado, o país registrou 630 fusões e aquisições, ante 643 operações registradas em 2008.

Operações de fusões e aquisições crescem 60% no Brasil em janeiro

O primeiro mês do ano, tradicionalmente mais fraco em fechamento de negócios, foi de recuperação. Foram anunciadas 60 operações envolvendo empresas brasileiras, alta de 60% em relação ao mesmo mês do ano passado, de acordo com a PricewaterhouseCoopers. Os fundos de private equity, que compram fatias de empresas, participaram com 33% das operações. → P40



Em alta

Fusões e aquisições crescem e chegam a 60 em janeiro

Consolidações setoriais e oportunidades de bons negócios contribuíram para a retomada do ritmo dos negócios, cujo ranking, no mês, foi liderado pelo setor de alimentos, com nove operações, seguido de bancos, serviços, varejo e empresas químicas e petroquímicas, com seis transações cada. "O apetite de investidores é crescente e muito pulverizado nos mais variados setores econômicos", comenta Alexandre Pierantoni, sócio da área de finanças corporativa da PricewaterhouseCoopers, que realizou a pesquisa, considerando negócios envolvendo empresas brasileiras. Em janeiro de 2008 foram 59 transações. — P40

Empresas vão às compras e fusões avançam 60%

Cerca de 70% dos negócios envolveram capital nacional. Setor de alimentos encabeçou ranking, com nove operações

Luciano Feltrin

lfeltrin@brasileconomico.com.br

As empresas brasileiras aproveitaram o início do ano para ir às compras. Puxadas por consolidações setoriais e oportunidades de bons negócios com a crise ficando para trás, as operações de fusão e aquisição se recuperaram. Foram 60 negócios fechados ao longo do primeiro mês do ano, superando as 59 transações do primeiro mês de 2008 e marcando um salto de quase 60% em relação ao mesmo período do ano passado, no pior momento da crise internacional. Os números são da PricewaterhouseCoopers e consideram negócios já fechados que envolvem, na ponta compradora ou vendedora, empresas brasileiras. A liderança do ranking de fusões e aquisições ficou com empresas do setor de alimentos, que protagonizaram nove operações. Em seguida, veio o setor de serviços, com seis negócios concretizados. Bancos, varejo e empresas de química e petroquímica (também estão incluídos higiene e limpeza) tiveram seis transações cada. “A melhor notícia é exatamente essa: o apetite de investidores é crescente e muito pulverizado nos mais variados setores econômicos”, diz o sócio da área de finanças corporativas da Price, Alexandre Pierantoni.

Dois dados do relatório indicam a mudança gradativa no perfil dos investidores. Um deles diz respeito à participação de dinheiro de brasileiros. Quase 70% das transações recebeu o impulso de capital nacional.

O outro dado que chama atenção é a participação de fundos de private equity e empresas de capital aberto como principais indutores de negócios. Cerca de 44% das fusões e aquisições envolveram empresas que têm suas ações negociadas na

Murilo Constantino



Para Pierantoni, com a recuperação econômica, investidores estão olhando para todos os setores e tamanhos de empresas

Recuperação da bolsa brasileira facilita a saída de fundos de private equity de empresas. E começa a ter reflexos positivos para investidores que querem adquirir companhias de capital aberto dos fundos

que fecharam o ano participando de 30% das operações — viram essa fatia ser ampliada para 33% no primeiro mês do ano.

Porta de entrada ou de saída

A recuperação econômica e o cenário favorável para que o Brasil receba investimentos nos próximos anos são um convite à entrada de novos recursos. No entanto, observa Pierantoni, também facilitam a vida de fundos de private equity que querem vender empresas nas quais investem. “Em janeiro do ano passado, isso não acontecia. A crise incorporou muita incerteza ao cenário econômico. Isso travava preços e evitava negócios, fazendo com que muitos gestores de fundos tivessem de adiar a saída de alguns investimentos”, diz o sócio da Price.

Um exemplo de como a recuperação da bolsa brasileira já possibilita desinvestimentos foi a venda, por fundos administrados pela GP Investments, de ações que possuíam na empresa de shoppings centers Br Malls.

Se a saída de fundos via bolsa é uma realidade, também já serve de termômetro para aqueles que querem vender fatias de empresas de capital fechado para investir em outros negócios. “Os mandatos que recebo de investidores que querem comprar empresas vão de encontro à carteira de fundos de private equity. São empresas bem resolvidas do ponto de vista de governança corporativa”, justifica Pierantoni.

Além da variação setorial, as empresas brasileiras envolvidas em fusões também têm tamanhos bem distintos. Entre as operações do mês, ficaram aquisições gigantes como a da Quattor por Petrobras e Braskem, a da Fósforo fértil pela Vale e outras mais modestas, como a entrada dos fundos CRP e Rio Bravo em empresas regionais, respectivamente, de equipamentos e alimentos. ■

MOVIMENTO CONTÍNUO

1.

Brasileiras continuam a avançar no exterior

O movimento de fusões e aquisições envolvendo empresas brasileiras deve prosseguir fora do país. Grandes companhias com presença internacional continuam à procura de ativos atraentes. "Temos mandatos para buscar boas oportunidades", diz André Janszky, do escritório Sherman & Sterling, que recentemente trabalhou em compras do JBS nos Estados Unidos.

2.

Estrangeiros ensaiam volta

Ainda que de forma lenta e bastante pontual, investidores estrangeiros, que haviam se retraído fortemente durante a crise, começam a se reposicionar. "O capital brasileiro tem se destacado nas transações. Mas os setores de siderurgia e infraestrutura começam a receber maior assédio dos estrangeiros", confirma o advogado.

3.

Ofertas de ações devem ser consequência

O apetite de investidores segue uma sequência natural, após períodos de turbulência global. Primeiro, voltam a investir em renda fixa, uma espécie de porto seguro. Depois, retornam às compras, tateando setores. A última ponta é o mercado de capitais. "Esse movimento está começando a ganhar força", diz André Janszky.



Segundo levantamento da Price, transações envolvendo gigantes, caso da compra da Quattor por Petrobras e Braskem, terão espaço, assim como operações de menor porte